

A Educação dos Primórdios ao Século XXI:

Perspectivas, Rumos e Desafios

1

Américo Junior Nunes da Silva
Thiago Alves França
Tayron Sousa Amaral
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021



A Educação dos Primórdios ao Século XXI:

Perspectivas, Rumos e Desafios

Américo Junior Nunes da Silva
Thiago Alves França
Tayron Sousa Amaral
(Organizadores)

1

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

A educação dos primórdios ao século XXI: perspectivas, rumos e desafios

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Thiago Alves França
Tayron Sousa Amaral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação dos primórdios ao século XXI: perspectivas, rumos e desafios / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Thiago Alves França, Tayron Sousa Amaral. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-850-2

DOI 10.22533/at.ed.502210403

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. França, Thiago Alves (Organizador). III. Amaral, Tayron Sousa (Organizador). IV. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos e surpreendidas, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecido como a mais eficiente medida para barrar o avanço do contágio, fez as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias de aproximação entre estudantes e profissionais da educação. E é a partir desse lugar de distanciamento social, permeado por angústias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os/as docentes pesquisadores/as e os/as demais autores/as tiveram seus escritos reunidos para a organização deste livro.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala na mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*”, no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem de estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques à Educação, Ciências e Tecnologias, e os diminutos recursos destinados a essas esferas são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo Daniel Cara, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades.

Nessas condições de produção, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, sobretudo aquelas que se entrecruzam com o contexto educacional, e que geram implicações sobre ele. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, desafio este aceito por muitos/as professores/as pesquisadores/as brasileiros/as, como estes/as cujos escritos compõem esta obra.

O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente, nos alerta para uma necessidade de criação de espaços de resistência. É importante que as inúmeras problemáticas que, historicamente, circunscrevem a Educação sejam postas e discutidas. Precisamos nos ouvir e sermos ouvidos/as, criando canais de comunicação – como é, inclusive, este livro – que possam provocar aproximações entre a comunidade externa, de uma forma geral, e as diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade.

As discussões empreendidas neste volume de “***A Educação, dos primórdios ao século XXI: perspectivas, rumos e desafios***”, por terem a Educação como foco, produzem um espaço oportuno de discussão sobre o campo educacional, mas também um espaço de repensar esse mesmo campo em relação à prática docente, considerando os diversos elementos e fatores que a constituem, inter cruzam e condicionam.

Este livro reúne um conjunto de textos originados de autores e autoras de diferentes estados brasileiros e países, e que tem a Educação como temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, ciências e tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade,

ludicidade, educação para a cidadania, política, economia, entre outros.

As autoras e os autores que constroem esta obra são estudantes, docentes pesquisadoras/pesquisadores, especialistas, mestres ou doutoras/doutores e que, partindo de sua práxis, buscam, com “novos” olhares, compreender as problemáticas cotidianas que as/os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria uma reação em cadeia, já que, pela mobilização das autoras e dos autores, pela reflexão das discussões por elas/eles empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as, incentivados/as a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nesse movimento, portanto, desejamos a todas e todos uma leitura produtiva, engajada e lúdica!

Américo Junior Nunes da Silva

Thiago Alves França

Tayron Sousa Amaral

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO DOS PRIMÓRDIOS AO SÉCULO XXI: TRABALHO O FUNDAMENTO DA SOCIABILIDADE HUMANA

Oscar Edgardo N. Escobar

DOI 10.22533/at.ed.5022104031

CAPÍTULO 2..... 14

SABERES DOCENTES NA ERA DIGITAL: ENTRE DISCURSOS E PRÁTICAS SOB A ÓTICA DA AGENDA 2030 DA ONU

Reginaldo Guedes

DOI 10.22533/at.ed.5022104032

CAPÍTULO 3..... 26

DESAFIOS E FUNÇÕES DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DE UMA DOCENTE

Fernanda Luzia de Almeida Miranda

Ieda Maria Giongo

Marli Teresinha Quartieri

Suzana Feldens Schwertner

DOI 10.22533/at.ed.5022104033

CAPÍTULO 4..... 43

DEMOCRATIC MANAGEMENT IN CHILDHOOD EDUCATION: CHILDREN'S PARTICIPATION IN DAILY LIFE

Luciano Marcos Silva

Renata Porto Guidi das Neves

Sonia Regina dos Santos Silva

Vandira Borges de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.5022104034

CAPÍTULO 5..... 51

AFROLETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS

Amanda Fernandes Brito

Cláudio Arruda Martins Brito

DOI 10.22533/at.ed.5022104035

CAPÍTULO 6..... 63

A PENA DE MULTA COMO UMA SITUAÇÃO PROBLEMA NA ESCOLA DA PRISÃO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE MATEMÁTICA

Charlotte Marques Studier

Eliane Leal Vasquez

Solange Regina Cromianski

DOI 10.22533/at.ed.5022104036

CAPÍTULO 7	87
O CASO “CAÇADAS DE PEDRINHO” E A DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO	
Antonio Gomes da Costa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.5022104037	
CAPÍTULO 8	104
PROJETO CALANGUINHO NO QUINTAL DE UMA CRECHE UNIVERSITÁRIA: TRABALHO COLABORATIVO DE CRIAÇÃO DE HORTA ORGÂNICA	
Leila Grazielle de Almeida Brito	
Marilete Calegari Cardoso	
Mainara Mizzi Rocha Frota	
Leandro Nascimento Bertoldi	
DOI 10.22533/at.ed.5022104038	
CAPÍTULO 9	114
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA FORMAÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA VIRTUAL: UM DESAFIO DIDÁTICO CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DA ANALÍTICA DA APRENDIZAGEM DISPOSICIONAL	
Maria do Perpétuo Socorro Santos Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.5022104039	
CAPÍTULO 10	124
UM OLHAR SOCIAL E EDUCACIONAL SOBRE AS BIBLIOTECAS PÚBLICAS EM MOÇAMBIQUE: BIBLIOTECA NACIONAL DE MOÇAMBIQUE	
Aníbal João Mangue	
Felipe André Angst	
DOI 10.22533/at.ed.50221040310	
CAPÍTULO 11	135
ACESSIBILIDADE E IGUALDADE DO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA ATRAVÉS DOS POLOS DE APOIO PRESENCIAIS UAB/IES	
Benedito de Souza Lima	
Trifena Kelline Martins Lima	
DOI 10.22533/at.ed.50221040311	
CAPÍTULO 12	144
ESTRATÉGIAS DE PARTICIPAÇÃO DOS PAIS/RESPONSÁVEIS PARA FORTALECIMENTO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA EDUCAÇÃO	
Márcia Saraiva Prudencio	
Nilceia Elias Rodrigues Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.50221040312	
CAPÍTULO 13	155
A QUALIDADE DA ARGUMENTAÇÃO EM PRODUÇÕES DE TEXTOS PARA UMA DISCIPLINA NA MODALIDADE EAD: UM ESTUDO LONGITUDINAL	
Maria Helena Peçanha Mendes	
Luzia Bueno	

DOI 10.22533/at.ed.50221040313

CAPÍTULO 14..... 170

PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO NA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE SENA MADUREIRA – AC

Jirlany Marreiro da Costa Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.50221040314

CAPÍTULO 15..... 176

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE APRENDIZAGEM DE PROFESSORES DE PSICOLOGIA DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Cristiane de Carvalho Guimarães

DOI 10.22533/at.ed.50221040315

CAPÍTULO 16..... 184

ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adelcio Machado dos Santos

Rubens Luís Freiburger

Daniel Tenconi

Danielle Martins Leffer

Alisson André Escher

DOI 10.22533/at.ed.50221040316

CAPÍTULO 17..... 194

A DICOTOMIA DA DISLEXIA! UMA QUESTÃO EDUCACIONAL OU DA SAÚDE? PROPOSTA PEDAGÓGICA MULTIDISCIPLINAR

Margarete Ligia Pinto Vieira

José Ricardo Nunes de Macedo

Magali Luci Pinto

DOI 10.22533/at.ed.50221040317

CAPÍTULO 18..... 206

POR QUE OS ESTUDANTES TRABALHADORES PREFEREM METODOLOGIAS ATIVAS?

Eduardo Manuel Bartalini Gallego

Rodrigo Ribeiro de Paiva

Neucilene Aparecida do Vale

DOI 10.22533/at.ed.50221040318

CAPÍTULO 19..... 218

APLICACIÓN DE ABP DESDE LA VISIÓN COMPLEJA Y TRANSDISCIPLINAR EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Martha Elena Roa Rodríguez

Suly Patricia Castro Molinares

DOI 10.22533/at.ed.50221040319

CAPÍTULO 20	230
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE COORDENADORES ESCOLARES: UM RELATO SOBRE A EXPERIÊNCIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DE FORTALEZA	
Otávio Vieira Sobreira Júnior	
Luciano Nery Ferreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.50221040320	
CAPÍTULO 21	241
PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CURRICULARES PARA O ENSINO DE ASTRONOMIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO: UMA ABORDAGEM TEÓRICO- METODOLÓGICA	
Gilson Batista da Cruz	
Maria Joselma Ferreira Noronha Santos	
DOI 10.22533/at.ed.50221040321	
SOBRE OS ORGANIZADORES	259
ÍNDICE REMISSIVO	261

CAPÍTULO 5

AFROLETAMENTO NOS ANOS INICIAIS

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 28/01/2021

Amanda Fernandes Brito

SEDUC-MT

Cuiabá – Mato Grosso

<http://lattes.cnpq.br/3282196054086794>

Cláudio Arruda Martins Brito

Faculdade Unileste

Cuiabá – Mato Grosso

<https://orcid.org/0000-0002-7509-9856>

RESUMO: O racismo é um tema que está na sociedade. Mas, por muito tempo, esteve fora das escolas. Com o advento da lei 10.639/03 e sua posterior alteração, através da 11.645/2008, o ensino das relações raciais tornou-se obrigatório no currículo escolar. Assim, a introdução da temática africanidade na prática pedagógica escolar dos anos iniciais, possibilita o reconhecimento e a valorização das pessoas negras na sociedade brasileira. Ademais, o surgimento de autores (as) negros (as), contribui para o acesso a uma produção literária não canônica, cria novas representações dos povos negro e estimula a discussão sobre questões raciais durante o ensino da literatura africana e afro-brasileira. Nessa perspectiva, o presente ensaio, pretende analisar e discutir a importância do afroletamento no combate ao racismo interseccional nos anos iniciais, por meio da literatura infantil. Desta maneira, entende-se que a utilização de obras literárias

infantis com temáticas afrocentradas permite o empoderamento e a emancipação de grupos historicamente subalternizados, incluindo as meninas negras. E também, favorece a quebra dos estereótipos racistas.

PALAVRAS - CHAVE: Afroletamento; Literatura; Anos iniciais.

AFROLETAMENTO IN THE INITIAL YEARS

ABSTRACT: Racism is a topic that is in society. But for a long time, he was out of schools. With the advent of Law 10.639 / 03 and its subsequent amendment, through 11.645 / 2008, the teaching of race relations became mandatory in the school curriculum. Thus, the introduction of the Africanity theme in school pedagogical practice in the early years, allows the recognition and appreciation of black people in Brazilian society. Furthermore, the rise of black authors contributes to access to a non-canonical literary production, creates new representations of black people and encourages discussion on racial issues during the teaching of African and Afro-Brazilian literature. In this perspective, this essay aims to analyze and discuss the importance of African literacy in combating intersectional racism in the early years, through children's literature. In this way, it is understood that the use of children's literary works with Afrocentric themes allows the empowerment and emancipation of historically subordinated groups, including black girls. It also favors the breaking of racist stereotypes.

KEYWORDS: Aphroletration; Literature; Initial years.

1 | INTRODUÇÃO

A partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas sobre História da África no Mestrado Profissional em História (ProfHistória), assim como por respeito à epistemologia feminista de Djamila Ribeiro¹, convém explicitar neste trabalho, nosso posicionamento específico na sociedade brasileira. Pois, é deste lugar particularizado e corporificado que compreendemos a realidade ao nosso entorno e, conseqüentemente, produzimos este conhecimento: mulher branca e homem branco.

Desta forma, dependemos da consciência da nossa posição particular, enquanto mulher e homem, cisgêneros, professores e brancos, para refletir e discutir sobre a situação racial brasileira com base em experiências nas quais desconhecemos, seja em razão da nossa opressão ou dos nossos privilégios. Contudo, a nossa subjetividade múltipla, contraditória e em pleno processo, impedem que as características descritas anteriormente nos limitem. Pelo contrário, ao entender nosso lugar social, isso nos permite adotar uma postura crítica e ética para que a partir dessa posição, possamos contribuir para uma sociedade menos desigual. Isso porque:

Quando demarcamos a localização de onde falamos nos despidamos da ideia de que falamos em nome daquele grupo social específico, e sim sobre aquele grupo a partir do lugar onde estou; e, se nesse momento, o atravessamento dos marcadores sociais me coloca em um lugar socialmente privilegiado, posso utilizar desse pretensão privilégio para lutar contra determinadas opressões (Assis, 2019, p. 47).

Entretanto, nossos privilégios oprimem e nossa posição social não significam nada, se não utilizarmos essas estratégias para romper com as estruturas de poder que organizam a sociedade hierarquicamente em gênero, raça, classe, orientação social, entre outras. Desta maneira, o feminismo interseccional cunhado por Kimberlé Crenshaw², nos enseja vislumbrar com clareza a pluralidade e a desigualdade dos modos de experimentar a realidade considerando a dinamicidade e complexidade do cruzamento das relações sociais que configuram marcas específicas de opressão. Pois, segundo Crenshaw (2002):

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

1 RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. O livro integra uma coleção mais ampla, denominada "Feminismos Plurais".

2 CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: **Revista Estudos Feministas**, 2002, vol.10, n.1, p.171-188.

Assim, dependendo do lugar social que a mulher ocupa, o gênero é vivenciado de maneira diferente. Isso porque, as mulheres negras e de classes populares, devido a vários fatores de opressão e exclusão, possuem desafios adicionais para o acesso aos direitos sociais e políticos. A exemplo disto, as mulheres negras representam os maiores índices de vítimas de assassinato, são as que mais sofrem violência doméstica e as que recebem menores salários. E ainda vivenciam diferentes situações de exploração corporal, evidenciadas na letra da música de Elza Soares: “a carne mais barata do mercado é a carne negra”. Deste modo, o combate aos preconceitos raciais e discriminações de gênero, envolve reconhecer os desdobramentos dessa interseção e de como a mesma afeta a vida das mulheres negras.

Logicamente, torna-se importante abordar questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade nas escolas. Principalmente porque no cenário sociopolítico brasileiro de 2020, pautas relacionadas aos Direitos Humanos e Educação vem sendo ameaçadas por grupos radicais e extremistas que tentam minar as políticas públicas de reparação histórica pelos crimes cometidos ao povo negro, bem como desejam implementar uma falsa educação escolar neutra. Por conseguinte, debater formas de erradicar o racismo em nossa sociedade, pode e deve começar na escola.

Acertadamente, citou a ativista e filósofa Angela Davis “ Numa sociedade racista, não basta não ser racista é preciso ser antirracista”. E isto significa atuar como agente de mudança, procurando idealizar medidas para o enfretamento estrutural e institucional ao racismo. Ainda Rüsen (2006 apud Borges 2019), sublinha que a dimensão prática do conhecimento histórico, resulta na construção de identidades e na tomada de posicionamento perante problemas que exigem algum tipo de orientação baseada na experiência e na interpretação do tempo. Por isso, em razão do nosso compromisso ético-político, enquanto professores de História e cidadãos conscientes, pretendemos abordar neste ensaio, estratégias pedagógicas para romper com a exclusão de pessoas negras, em destaque as mulheres negras, devido as opressões interseccionais presentes na sociedade brasileira.

A escola então, se apresenta como um espaço privilegiado para a promoção de uma educação antirracista, em consonância com propósitos das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Nesse contexto, práticas pedagógicas conscientes e inclusivas podem desnaturalizar os estereótipos e ideologias preconceituosas e racistas (Souza e Dias, 2017), responsáveis pela manutenção/reprodução/criação de desigualdades e violências contra pessoas que não atendem aos modelos hegemônicos e que, por esse motivo ficam marginalizados na sociedade.

Nada obstante, reforçar a luta contra o racismo significa posicionar a população negra como agente da transformação da realidade vivida. Dessarte, a afrocentricidade³

3 “A afrocentricidade é uma proposta teórica do professor Molefi Kete Asante (1980), idealizador e diretor do primeiro programa de Doutorado de estudos Africanos criado na Universidade de Temple, em Filadélfia, no final da década de 1980. Como referência teórica explicitada na qualidade de paradigma, a afrocentricidade vem sendo elaborada em grande parte por estudiosos oriundos da diáspora de fala inglesa. Mas, como linha de pesquisa e reflexão, dá conti-

adentra nas escolas como proposta epistemológica, pois isso contribui para que os (as) alunos (as) se reconheçam na produção histórica e cultural do país (Nascimento, 2009). Portanto:

Enriquecer o debate intelectual, a produção acadêmica, as práticas pedagógicas e dialogar com toda a sociedade brasileira com o firme propósito de estabelecer topologias epistêmicas que reinventem, reconstruam e ressignifiquem os lugares, as narrativas, os saberes e, sobretudo, redefinir os critérios que estabelecem a legitimidade de determinadas práticas e dinâmicas intelectuais como inválidas e outras, válidas. Se as referências africanas ainda estão pouco disponíveis e marginalizadas, um diálogo despido de ideias estereotipadas a respeito da afrocentricidade pode ser muito fértil para colocar pesquisas afrocentristas à serviço de várias estratégias no campo da educação em favor da diversidade étnica e racial (NOGUERA, 2010, p. 14)

Existe, logo, a necessidade de repensar a educação sob a perspectiva afrocentrada. Por isso, a adoção do afroletramento⁴ nas escolas, propicia o empoderamento e a valorização das pessoas negras (Vieira, 2020), em especial à mulher negra. Por conseguinte, Mendonça (2020) assinala que intervenções pedagógicas envolvendo práticas afroletradas corroboram com a formação de crianças (negras e não negras) para um novo olhar sobre as relações étnico-raciais. Nesse sentido, o ensino da cultura africana e afro-brasileira por meio da literatura infanto-juvenil oportuniza ao (à) aluno (a) participar de práticas de linguagem voltadas a construção de uma identidade racial positiva (Alves, 2018).

Ademais, a ressignificação das práticas pedagógicas, contribuem para a formação de leitores críticos e conscientes acerca da contribuição do povo negro na História do Brasil (Souza e Dias, 2017). De acordo com Mendonça 2020, a prática do uso da literatura afro-brasileira:

Permite aos seus leitores reflexões de aceitação e respeito de/por si e por/ pelo outro, uma vez que se identificando, o leitor constrói sua imagem social, e identificando o outro a consciência de pluralidade se estabelece, desenvolvendo no indivíduo a concepção de respeito e liberdade. O uso do meio literário permite ao seu interlocutor considerar realidades até então inexistentes para ele, facilitando a construção de uma educação libertária e não preconceituosa (Mendonça, p. 56, 2020).

nuidade a uma longa tradição que costuma chamar de abordagem afrocentrada, desenvolvida desde o século XIX por autores que não lhe atribuíam esse nome. A obra de maior fôlego e consistência nessa linha é a do cientista e intelectual senegalês Cheikh Anta Diop. Embora sua obra constitua referência básica da Afrocentricidade, Diop não trabalhava com esse conceito. A proposta como orientação epistemologia explícita, foi idealizada por Molefi K. Asante no seu livro *Afrocentricity: the theory of social change (Afrocentricidade: a teoria da mudança social, 1980)* e passou a ser amplamente divulgada após a morte de Diop, em 1986. ” (NASCIMENTO, E.L.: 2009: p. 29)

4 O afroletramento, é umas das diversas práticas de letramento (STREET, 2006). Nesse sentido, letramento é pensado aqui na perspectiva de Magda Soares (2003), que afirma “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Assim, afroletrar é usar elementos ligados a cultura afro, para o letramento e para a alfabetização. É ensinar desde a educação infantil a importância da cultura africana e também a indígena para o desenvolvimento do nosso país. Afroletrar é fazer as crianças negras e pardas a terem orgulho da sua cor, do seu cabelo, do seu nariz, da sua cultura, da sua religiosidade (Vieira, 2020).

Assim, a imagem negativa da mulher negra, construída histórica e socialmente, pode ser desconstruída a partir do trabalho com obras literárias no espaço escolar. Incentivando os (as) estudantes sentirem orgulho de sua ascendência, de sua cor, bem como despertar o desejo de pertencimento (Alves, 2018), aumentando ainda a autoestima dos afrodescendentes. Em vista disso, este ensaio, pretende analisar e discutir a importância do afroletramento no combate ao racismo interseccional nos anos iniciais, por meio da literatura infantil.

2 | AFROLETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS

"A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. "

Conceição Evaristo

A História brasileira, durante muito tempo, esteve baseada no colonialismo, patriarcalismo e escravismo. E isto, gerou uma produção científica que examinava a trajetória da sociedade brasileira sob a concepção eurocêntrica. Assim, essa historiografia oriunda de uma abordagem eurocêntrica, tentou apagar dos currículos escolares a importância da África e a contribuição histórica dos povos africanos na formação da sociedade brasileira. Logo, as narrativas históricas presentes nos livros didáticos, invisibilizou a história e a cultura dos africanos e afrodescendentes (Silva, 2018), bem como destituíram o valor e o lugar de existência das pessoas negras. Dessa maneira, as pessoas negras foram descentradas de sua própria história pela supremacia branca.

A escritora nigeriana Chimamanda Adiche (2009), entretanto, desperta atenção para os perigos da história única⁵. Segundo a autora é assim que se cria uma única história:

Mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder [...] Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar". Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente [...] Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. (ADICHIE, 2009)

⁵ Pegar toda a complexidade de uma pessoa e de seu contexto e reduzi-los a um só aspecto é o que Chimamanda chama de o perigo da história única.

Todavia, desmistificar a ideologia hegemônica das classes dominantes que desconhece e silencia a história e a cultura dos grupos étnico-raciais marginalizados, inclui:

Conhecer para entender, respeitar e integrar, aceitando as contribuições das diversas culturas, oriundas das várias matrizes culturais presentes na sociedade brasileira, deve ser o objetivo específico da introdução nos currículos do tema transversal Pluralidade Cultural e Educação, que considero universal, pela sua abrangência e importância social (Silva, p.21, 2018).

Nesse sentido, é de suma relevância incluir a educação para as relações étnico-raciais nas escolas. Pois, “[...] o campo da educação, chamado de “educação das relações étnico-raciais”, dialoga com a noção de raça, etnia, preconceito, discriminação e racismo” (GONÇALVES e RIBEIRO, 2014, p.11). Por isso, no espaço escolar, as práticas pedagógicas dos (as) professores (as), propiciam situações de superação racial e valorização da cultura, história e religião da comunidade africana e afrodescendente. Porquanto é dever da escola, segundo Munanga (2004):

Ensinar aos alunos as contribuições dos diferentes grupos culturais na construção da identidade nacional; mudar o currículo e a instrução básica, refletindo as perspectivas e as experiências dos diversos grupos culturais, étnicos, raciais e sociais; realçar a convivência harmoniosa dos diferentes grupos culturais; o respeito e a aceitação dos grupos específicos na sociedade; - enfoque sobre a redução dos preconceitos e a busca da igualdade de oportunidades educacionais e de justiça social para todos, enfoque social que estimule o pensamento analítico e crítico centrado na redistribuição do poder, da riqueza e dos outros recursos da sociedade entre os grupos (MUNANGA, 2004, p. 5).

Por conseguinte, é preciso relocar os “lugares africanos” e evidenciar os homens negros e as mulheres negras protagonistas nos diversos processos de produção de conhecimento. Conforme citado na epígrafe por Evaristo, a “escrivência” africana, o lugar de onde se fazem as novas narrativas, deve “incomodar” a lógica eurocêntrica, porque, se não tivermos esse compromisso, isto não se modificará jamais. Destarte, a Afrocentricidade oferece ao povo negro um entendimento próprio de mundo, colocando as pessoas negras no centro do discurso, não mais como margem. Porém, Asante adverte que a Afrocentricidade não é a versão negra do eurocentrismo, pois nesta concepção há uma supremacia branca [...]” (ASANTE, 1991, p. 170). E na interculturalidade: “diferentemente do eurocentrismo, a afrocentricidade condena a valorização etnocêntrica às custas da degradação das perspectivas dos outros grupos” (ASANTE, 1991, p. 171).

Ademais, superar o racismo na escola, depende do trabalho de professores (as) comprometidos com uma educação antirracista, por meio da qual, conseguem:

[...] desmistificar os valores particulares que os currículos escolares muitas vezes tentam tornar gerais e hegemônicos. Sendo, que os professores (as) comprometidos com a formação cidadã têm condições didático pedagógicas de “[...] combater com eficácias a forma estereotipada e preconceituosa com que os afrobrasileiros são enfocados nos livros didáticos: na maioria das vezes, aparecem como e enquanto escravizados” (SISS; BARRETO, 2014, p.54).

A partir desse entendimento, ressignificar a prática pedagógica escolar mostra-se basilar para que seja possível desconstruir os estereótipos racistas e desnaturalizar o lugar de invisibilidade das pessoas negras. Mas, se as crianças pertencem ao futuro, e ensajamos um país sem desigualdades raciais, como educar crianças brancas antirracistas e crianças negras conscientes de sua história e cultura? Assim, neste ensaio, a resposta a esta pergunta encontra-se no ensino afrocentrado, cujas abordagens propiciam ao (a) aluno (a) ler historicamente o mundo, compreendendo o contexto sócio histórico no qual estão inseridos. Isso acorda com Freire (1989, p. 9), onde “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, as pessoas já nascem com a capacidade inerente de ler e interpretar o mundo que vivenciam e em que vivem. O ato de ler assegura a capacidade de dialogar com esse mundo, transformando-o e aprendendo a argumentar essa transformação com criticidade.

Com o advento de pesquisadores (as) e escritores (as) negros (as), os paradigmas de construção do conhecimento estão sendo transformados, favorecendo o surgimento de historiografias que se contrapõem a escrita tradicional e que evidenciam o povo negro, inclusive a mulher negra. Assim, os livros de literatura vêm expandindo o conhecimento sobre a África e a diáspora africana, permitindo que as pessoas negras conheçam suas raízes e adquiram um sentimento de pertencimento racial. E, o encontro com essa origem, portanto, se faz uma oportunidade ímpar para romper com os estereótipos racistas e fortalecer as discussões antirracistas e sexistas. Pois, conforme Silva (2005):

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos, pode promover a exclusão, a cristalização do outro em funções e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado (Silva, 2005, p. 24)

Sendo assim, Mônica Lima afirma que não há como recuperar a africanidade sem conhecer a própria história da África. Ao mesmo tempo, é necessário:

Despir-nos dos preconceitos etnocêntricos (olhar um povo ou etnia com valores de outro) a África como lugar atrasado, inculto, selvagem – e deixar de ou supervalorizar o papel de vítima- do tráfico, do capitalismo, do neocolonialismo, atitude que alimenta sentimentos de impotência e incapacidade (LIMA, 2004, p. 85).

Ianni (2011, p. 77) explica a literatura negra como:

[...] um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo.

Nesse sentido, a literatura permite-nos pensar outra História. A História dos povos oriundos do continente africano, que por muitos anos, foi omitida no espaço escolar. Assim, surge uma História Nova da África. Onde o protagonismo historiográfico encontra-se nos povos oprimidos, ressaltado suas contribuições para a história do povo brasileiro. Segundo Silva (2010):

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...] Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade (SILVA, 2010, p.35).

O afroletramento, surge então, estrategicamente neste trabalho, como uma forma de ensinar história e cultura africana e afro-brasileira via literatura infantil para os (as) aprendentes dos anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com Borges (2019), essa prática pedagógica se contrapõe ao pensamento ocidental(izado) de que não se pode produzir teoria, filosofia ou arte fora dos padrões epistemológicos e estéticos eurocentrados. Por isso, o ensino nessa perspectiva, rompe com a educação tradicional baseada na visão do colonizador e das classes dominantes, persistentes no espaço escolar e mais, no livro didático.

Desta forma, o afroletramento adotado neste estudo, refere-se aquele relacionado a promoção do letramento numa perspectiva afrocentrada. Assim, o afroletramento por meio de obras literárias, é mais que tornar as africanidades como temática central, ou tomar o lugar do etnocentrismo. Este diz respeito:

A compreender o Afroletramento para muito além da inserção do negro na sociedade grafocêntrica e globalizada, mas na direção de uma participação crítico-propositiva em busca de transformações sociais e de resignificação de seu papel invisibilizado pelos operadores sociais hegemônicos do discurso, numa perspectiva eurocentrada [...] (Nascimento, 2009, p. 7).

Conseqüentemente, Nascimento (2009) considera que o afroletramento:

Não é apenas o aparelhamento da técnica da Leitura e da Escrita com a alfabetização pelos grupos historicamente subalternizados, mas a possibilidade do uso social e político da Leitura e da Escrita como estratégias de dessubalternização desses mesmos grupos, bem como a possibilidade de “quebrar” com a hegemonia etnocêntrica que “construiu” a subalternidade e as assimetrias. É hipótese desta abordagem que o Afroletramento se constitui como um “lugar” de encenação dos processos identitários e de identificações capazes de dessubalternizar as contribuições de matrizes africanas e de promover práticas de compartilhamento em sala de aula (Nascimento, 2009, p. 5).

A utilização da literatura infantil de forma crítico-reflexiva, transforma-a em um instrumento gerador de consciência social, proporcionando a reconstrução da identidade étnico/racial e autoestima das crianças afrodescendentes. Abramovich (1989) assinala que para o indivíduo formar sua própria identidade, ele precisa recriar a realidade e imagina - lá. E nisto a leitura de contos infantis tem contribuição fundamental. [...]

Garantir maior participação das mulheres negras no contexto brasileiro, além de ser um processo de reparação histórica é também uma forma de promover a democracia e a pluralidade de vozes nos espaços de tomada de decisões. Nas escolas, a valorização da menina negra por meio da literatura, reforça a luta contra as desigualdades em nosso país. Conforme Silva et al. (2014):

A imagem negativa da mulher negra inclusive vista fora da interseccionalidade de gênero e raça foi construída histórica e socialmente, portanto, é de inestimável importância a análise sobre a representação das imagens femininas negras em fontes literárias que serão trabalhadas com crianças, em especial, nos espaços escolares Silva et al. (2014, p. 2410).

Os livros infantis podem, ainda, ser utilizados para desconstruir os estereótipos relacionados aos cabelos crespos. Assim, eles possibilitam ao (a) professor (a) realizar diversas atividades para “desconstruir a negatividade atribuída à textura dos cabelos crespos, tais como trabalhar a razão de ser dos diferentes tipos de cabelo, ensinar como tratá-los, realizar concursos de penteados afros, trazer trançadeiras para trançar na sala de aula” (Silva, 2005, p.28).

O afroletramento por meio da literatura, durante as práticas pedagógicas nos anos iniciais, possibilita discussões sobre igualdade racial e respeito às diferenças na sala de aula. Existem algumas obras literárias que fomentam esta temática. E, consideram inclusive, as interseccionalidades que recortam a experiência de vida da pessoa negra. Destaca-se a seguir alguns livros infanto-juvenis que podem ser utilizados pelos (as) professores (as) no contexto dos anos iniciais.

O cabelo de cora, de Ana Zarco Câmara e ilustrada por Taline Schubach, permite aos alunos refletirem sobre a relação entre o cabelo e a construção da identidade individual.

Silva e Souza-Dias (2017) relatam que nessa trama:

Cora é uma menina como as outras, que adora ir à escola e é bastante orgulhosa do seu cabelo. Ele não é liso como os das outras meninas. É enrolado como o de sua Tia Vilma e sua avó. Mas, talvez, o cabelo de Cora não pareça tão para suas colegas e ela pode precisar de um “empurrãozinho” para aprender a amá-lo de novo e a dizer para todo mundo o quanto ele é bonito do jeito que ele é. Cora descobre que seu cabelo é a sua marca. Ela tem cabelo crespo. Outras meninas têm o cabelo liso. Por esse livro é possível nos divertirmos com história de Cora e enxergamos, na diferença, a nossa exclusividade (Silva e Souza-Dias, 2017, p.12).

Silva e Souza-Dias (2017) também indicam a coleção *Mama África*, lançado em 2007 pela editora Língua Geral, que apresenta ao público infanto-juvenil brasileiro conto tradicionais da África escritas por autores daquele continente. Segundo os autores;

Todos os livros são ilustrados por artistas plásticos africanos. Compõem a coleção livros com *O beijo da palavrinha*, escrito por Mia Couto e ilustrado por Malangatana, ambos moçambicanos; *O filho do vento*, escrito por José Eduardo Agualusa e ilustrado por António Ole, ambos angolanos; *Debaixo do arco íris não passa ninguém*, escrito pelo angolano Zheto Cunha e ilustrado pelo moçambicano Roberto Chichorro; dentre outros. Os livros oferecem um mergulho muito interessante no universo das lendas africanas (Silva e Souza-Dias, 2017, p.12).

As tranças de Bintou da autora Sylviane A. Diouf, publicado em 2005 e *O cabelo de Lelê* escrito por Valéria Belém, lançada no ano de 2012, são obras literárias infanto-juvenis que corroboram para a quebra dos preconceitos e discriminações vigentes para com as crianças negras, especialmente as meninas negras. Pois para Silva et al. (2014, p. 2416), nesses livros há “o predomínio da valorização da identidade negra, nos mais diferentes aspectos, seja ele social, cultural, étnico e religioso”.

Além disso, Silva et al. (2014) indica que nessas obras:

A aceitação e a valorização do fenótipo negro e a centralidade na figura feminina é visível nas obras (*As tranças de Bintou* e *O cabelo de Lelê*) e isso favorece à formação de um olhar que interseccionaliza o gênero e a raça de forma positiva. A positividade encontrada nas obras seja dando à pessoa negra, à mulher negra, um lugar social (grupo familiar, por exemplo), a visibilidade positiva para os traços identitários fenotípicos, o cabelo em especial, são dados que contribuem para a quebra de preconceitos e discriminações raciais (Silva et al. 2014, p. 2416)

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre os vários desafios educacionais, superar o racismo faz parte da pauta escolar. Mas, para isso, os (as) professores (as) precisam ressignificar as práticas pedagógicas, incluindo a temática africanidade no conteúdo escolar. Nesse sentido, o ensino da literatura afrocentrada nos anos iniciais, constitui-se em uma alternativa para a quebra

dos estereótipos raciais, a valorização das pessoas negras e o rompimento do racismo interseccional.

O afroletramento também, promove o protagonismo de grupos historicamente subalternizados, incluindo a menina negra. Além disso, o ensino da literatura africana e afro-brasileira nas escolas, é uma ação de cidadania e compromisso social, por meio do qual, se relaciona aos debates antirracistas contemporâneos que visam desconstruir a estrutura opressora sobre a população negra, assim como positivar as relações raciais e a própria constituição da identidade dos (as) estudantes negros (as).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ADICHIE, C. **O perigo de uma única história**. 2009. (18m45s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>. Acesso: 08 dez. 2019.

ALVES, S. dos. S. **Letramento racial crítico e práticas educacionais no ensino fundamental do município do Rio de Janeiro: a formação continuada de professores da sala de leitura e suas narrativas**. Dissertação, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2018.

ASANTE, M.K. **The Afrocentric idea in education**. The Journal of Negro Education, v.60, n.2, p.170-180, 1991.

ASSIS, D. N. C. de. **Interseccionalidades** / Dayane N. Conceição de Assis. - Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019. 57 p.: il.

BORGES, R. G; **A crítica eurocêntrica no ensino de história da américa: abordagens sobre a retórica lascasiana**. In revista transversos. "dossiê: teoria, escrita e ensino da história: além ou aquém do eurocentrismo?". N° 16, ago. 2019, pp. 98-124 Disponível em ISSN 2179- 7528. DOI:10.12957/transversos.2019.44684.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. In: Revista Estudos Feministas, 2002, vol.10, n.1, p.171-188.

FERREIRA, A. de J. **Narrativas e Contranarrativas de Identidade Racial de Professores de Línguas**. Revista da ABPN. Florianópolis, SC: ABPN. v.6, n.14, p. 236-263, jul./out., 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

GONÇALVES, M. A. R.; RIBEIRO, A. P. P. G. A. **A questão étnico-racial e o sistema de ensino brasileiro**. In: GONÇALVES, M. A. R.; RIBEIRO, A. P. A. (Org.). História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Escola. 2. ed. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2014, p. 10-23.

IANNI, O. **Literatura e consciência**. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org.) Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica, v. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011, p. 183-198.

LIMA, M. A. **A África na sala de aula: obrigatoriedade de ensinar história e cultura africanas é o novo desafio dos professores brasileiros.** Revista Nossa História, Rio de Janeiro, ano 1, n. 4, p. 84-86, fev. 2004.

_____. Ministério da Educação. Lei nº 10.639, de 9 de jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm

MENDONÇA, Esther Costa. **Projeto Pafundi: criança feliz aprende melhor! Afroletramento, transversalidade e pertencimento afro na escola: uma experiência pretagógica.** 2020. 168f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2020.

MUNANGA, K. **Educação multicultural e desenvolvimento humano no contexto da diversidade brasileira.** Teoria e Prática da Educação, v.7, n.3, p.343-348, 2004.

NASCIMENTO, E. L. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora.** São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 333-360.

NOGUERA, R. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado.** Revista África e Africanidades, ano 3, nº 11, nov. 2010.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. O livro integra uma coleção mais ampla, denominada “Feminismos Plurais”.

SILVA, D. J. **Educação, preconceito e formação de professores.** Em R. M. C. Libório & Silva, D. J. (Orgs.), Valores, Preconceitos e Práticas Educativas (p. 125-141). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SILVA, D. R. da. et al. **A interseccionalidade de Gênero e Raça na perspectiva da construção de imagens positivas em livros infanto juvenis no Programa A cor da cultura.** Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife 24 a 27 de nov. 2014. 18º REDOR.

SILVA, E. D. da, SOUZA-DIAS, R. **Letramento racial mediado pela literatura infanto-juvenil na educação básica.** Revista Intertexto / ISSN: 1981-0601 v. 10, n. 2, 2017.

SILVA, N. F. I. da. **Identidade Cultural Afro-brasileira.** Capítulo 1: patrimônio cultural afro-brasileiro. Especialização em educação e patrimônio cultural e artístico. Brasília: UnB, 2018.

SISS, A.; BARRETO, M. A. S. C.; OLIVEIRA, O. F. **Processos formativos e as contribuições dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros da UFES e da UFRRJ.** Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 14, n. 34, 2014.

SOUZA, E. G. L.; DIAS, L. R.; SANTIAGO, F. **Educação infantil e desigualdades raciais: tessituras para a construção de uma educação das/nas relações étnico-raciais desde a creche.** Humanidades & Inovação, v. 4, p. 1-146, 2017.

VIEIRA, E. **A importância do afro letramento** [livro eletrônico] / Edergênio Vieira. -- 1. ed. -- Goiânia: Inteligência Educacional, 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 8, 135, 138, 139, 141, 143

Acesso 1, 20, 22, 23, 24, 25, 30, 41, 51, 53, 61, 64, 65, 69, 80, 81, 83, 84, 85, 92, 95, 102, 107, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 135, 139, 140, 141, 142, 143, 154, 157, 166, 174, 175, 182, 183, 191, 192, 193, 195, 200, 204, 216, 217, 236, 239, 240

Afroletramento 7, 51, 54, 55, 58, 59, 61, 62

Agroecologia 104, 108, 112

Análítica da aprendizagem disposicional 8, 114

Anos iniciais 7, 51, 55, 58, 59, 60

Aplicación de ABP 9, 218

Aprendizagem 5, 8, 9, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 32, 33, 40, 46, 64, 66, 68, 80, 81, 82, 83, 85, 109, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 125, 128, 130, 133, 135, 140, 142, 143, 146, 148, 155, 158, 160, 161, 166, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 194, 196, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 208, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 217, 219, 231, 235, 236, 239, 241, 244, 246, 247, 248, 251, 252, 253, 254, 256

Asignaturas Transversales 218, 221, 227

B

Biblioteca Pública 124, 126, 127, 128, 133, 134

Bibliotecários 124, 125, 126, 129, 130, 132, 133

C

Complejidad 218, 221, 223, 224, 225, 228

Construto 184

Coordenador escolar 231, 235, 237, 240

Currículo 22, 46, 50, 51, 56, 62, 64, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 156, 163, 192, 230, 233, 236, 238, 243, 244, 246, 248, 249, 250

Cursos Superiores de Tecnologia 206, 207

D

Desafios da escola contemporânea 26, 29

Desconstrução 8, 35, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

Desenvolvimento Sustentável 14, 15, 16, 24

Dislexia 9, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Distúrbios Neurológicos 194

Diversos modelos de família 26, 28, 29, 30, 32, 39

Docência 15, 18, 19, 22, 50, 69, 85, 144, 145, 147, 148, 149, 153, 171, 233, 257, 258, 259

Doença 170, 171

E

EAD 8, 25, 115, 117, 118, 119, 122, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 155, 161, 168, 236

Educação 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 4, 5, 7, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 53, 54, 56, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 153, 154, 156, 157, 162, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 204, 206, 208, 209, 211, 213, 216, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 239, 240, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251, 252, 254, 256, 257, 258, 259

Educação a Distância 14, 16, 17, 25, 61, 63, 70, 85, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 138, 141, 142, 143, 156, 168

Educação Ambiental 104, 106, 107, 111, 112, 113, 157

Educação Infantil 9, 28, 30, 43, 44, 45, 49, 50, 54, 62, 95, 106, 107, 112, 149, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193

Educação Matemática 63, 64, 65, 66, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 259

Educação Penitenciária 63, 65, 69, 70, 82, 85

Ensino Superior 8, 88, 115, 118, 119, 121, 135, 138, 139, 141, 142, 143, 159, 160, 178, 180, 206, 207, 209, 211, 215, 216, 219, 248, 259

Estudante Trabalhador 206

F

Formação Continuada 17, 19, 24, 28, 30, 41, 61, 92, 120, 137, 139, 230, 231, 234, 235, 236, 239, 240, 242, 245, 248, 249, 250, 251, 252, 255, 256

Formação de coordenadores 10, 230, 231

Formação Docente 8, 24, 114, 121, 182, 230, 234

Funcionalidade 184, 242, 250

G

Gestão Democrática 8, 43, 44, 46, 48, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 233

I

Identidade 54, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 93, 94, 98, 99, 101, 102, 103, 129, 154, 158, 162, 182, 187, 188, 231, 233, 236, 238, 240, 241, 249, 257

Indisciplina 22, 26, 28, 29, 30, 35, 40

L

Letramento Acadêmico 155, 156, 158, 159, 167

Literatura 1, 2, 10, 11, 18, 51, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 87, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 99, 103, 126, 130, 141, 174, 181, 182, 199, 232, 249

M

Metodologias Ativas 9, 206, 207, 209, 211, 214, 215, 216

Modelagem Matemática 63, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 78, 80, 82, 83, 84, 85

Monteiro Lobato 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102

O

Oficinas de Capacitação 194, 196, 201

Oportunidade 57, 64, 90, 94, 96, 98, 135, 140, 143, 198, 209, 251

P

Pais ou Responsáveis 144, 145, 147, 149, 150, 151, 152, 153

Papel social e educacional 124

Participação Comunitária 104

Pedagogia 9, 13, 21, 38, 49, 139, 149, 154, 155, 156, 161, 162, 163, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 191, 192, 193, 204, 208, 235, 239, 256

Pena de multa 7, 63, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 85

Prática pedagógica 8, 16, 51, 57, 58, 114, 116, 118, 119, 179, 219, 251, 252

Proceso enseñanza y aprendizaje 218

Professores 5, 9, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 32, 40, 41, 52, 53, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 68, 69, 71, 78, 79, 81, 82, 92, 107, 108, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 138, 139, 140, 148, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 191, 192, 201, 204, 206, 208, 209, 212, 214, 219, 230, 233, 234, 235, 236, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 259

Projeto 8, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 62, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 145, 147, 151, 152, 155, 161, 170, 171, 173, 189, 233, 234, 246, 260

Psicologia 9, 8, 15, 42, 160, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 191, 192, 198, 204, 207, 208, 215, 216, 239

R

Racismo 8, 51, 52, 53, 55, 56, 60, 61, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Representações Sociais 9, 176, 177, 179, 182

S

Saberes Docentes 7, 14, 18, 25, 119, 242, 248, 249, 256, 257

Sala de aula virtual 8, 114, 117, 120, 121

Saúde 9, 48, 92, 95, 101, 104, 106, 107, 112, 152, 170, 171, 172, 173, 174, 186, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 243

Saúde Mental 9, 170, 171, 173, 174, 198

Sequência Didática 7, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 76, 79, 81, 82, 85, 160, 254

Sociabilidade 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12

Sociedades primitivas e escravistas 1

T

Tecnologias 5, 15, 16, 17, 19, 22, 25, 30, 66, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 135, 140, 155, 209, 230, 236, 238, 245, 253

Tecnologias digitais 114, 116, 117, 121, 123

Tecnólogos 206, 207

Trabalho 7, 8, 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 52, 55, 56, 58, 63, 65, 69, 81, 82, 92, 97, 104, 105, 108, 111, 113, 117, 120, 121, 122, 126, 128, 130, 131, 133, 139, 145, 150, 152, 153, 156, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 181, 186, 187, 189, 190, 192, 201, 204, 207, 208, 211, 212, 230, 234, 235, 238, 245, 246

Transdisciplinarietà 218, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228

A Educação dos Primórdios ao Século XXI:

Perspectivas, Rumos e Desafios

1

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021

A Educação dos Primórdios ao Século XXI:

Perspectivas, Rumos e Desafios

1

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

